

A Felicidade Mediante a Meditação Superior

CAPA

Didática para a desintegração dos defeitos

Samael Aun Weor

Samael Aun Weor

A Felicidade Mediante
a Meditação Superior

Didática para a
Desintegração dos Defeitos

Título do Original:

“La Felicidad Mediante la Meditacion Superior
Didactica para la Desintegracion de los Defectos”

Samael Aun Weor

PRIMEIRA PARTE

O Conhecimento de Si Mesmo

Bom, vamos tratar um pouco sobre as inquietudes do Espírito. Acima de tudo se necessita compreensão criadora.

O fundamental na vida é realmente chegar a conhecer-se a si mesmo: De onde viemos, para onde vamos, qual é o objetivo mesmo da existência, para que viemos, etc., etc.

Certamente, aquela frase que foi colocada no Templo de Delfos é axiomática: "*Noscete Ipsum*": "Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses".

Conhecer-se si mesmo é o fundamental. Todos acreditam que se conhecem si mesmos e realmente não se conhecem. Assim, é necessário chegar ao pleno conhecimento de si mesmo.

Isto requer incessante auto-observação; o que precisamos é nos ver tal qual somos. Desafortunadamente, as pessoas admitem facilmente que têm corpo físico, mais custa trabalho que compreendam sua própria psicologia, que a aceitem de forma crua, real. O corpo físico aceitam que o têm, porque podem vê-lo, tocá-lo, apalpá-lo, mas a psicologia é um pouco distinta, um pouco diferente. Certamente que como não podem ver sua própria psique, não podem tocá-la, não podem apalpá-la, para eles é algo que não entendem.

Quando uma pessoa começa a observar-se a si mesma, olha a si mesmo, está nos indicando que se está tornando diferente dos outros.

Nas diversas circunstâncias da vida podemos nos autodescobrir. É dos distintos eventos da existência que podemos tirar o material psíquico necessário para o despertar da Consciência.

No relacionamento com as pessoas, seja no campo, na casa, no trabalho, na escola, na rua, etc., os defeitos que temos escondidos afloram espontaneamente, e se estivermos alertas e vigilantes como o vigia em época de guerra, então os vemos. Defeito descoberto deve ser trabalhado, compreendido em todos os níveis da mente.

Se por exemplo, passamos por uma cena de ira, temos que compreender tudo o que acontece. Suponhamos que tivemos uma pequena briga, talvez chegamos a um mercado, pedimos algo, o empregado nos trouxe outra coisa que nós não tínhamos pedido, então nos irritamos. "*Senhor, - dizemo-lhe – mas eu lhe pedi tal coisa e você me está trazendo outra, não percebes que estou com pressa e não posso perder tempo..*".

Eis aqui uma pequena briga, um pequeno desgosto. É óbvio que precisamos compreender o que foi que aconteceu.

Quando chegarmos em casa, devemos imediatamente nos concentrar profundamente no fato ocorrido, e se nos aprofundarmos nos motivos profundos que nos fizeram atuar dessa forma e brigar com o empregado ou com a pessoa porque não nos trouxe o que tínhamos pedido, viremos a descobrir nossa própria auto-importância, ou seja, nos acreditamos auto-importantes. Obviamente, houve em nós isso que se chama presunção, orgulho, irritação.

Ali vemos defeitos: a impaciência é um defeito, a presunção é outro defeito, nos sentir muito importantes eis aí outro defeito, o orgulho, nos sentir muito grandes e ver com desprezo à pessoa que nos estava servindo. Todos esses motivos nos fizeram comportar-nos de forma desarmônica.

De passagem, descobrimos vários eus que devem ser trabalhados; compreendido profundamente o que é o eu da presunção, teremos que estudar a fundo o que é o eu do orgulho, deveremos estudar-nos profundamente, teremos que compreender totalmente o que é o eu da auto-importância, teremos que estudar a fundo o que é o eu da falta de paciência, o que é o eu da ira, etc. É um grupo de eus, cada um deve ser compreendido separadamente, analisado, estudado.

Temos que aceitar que detrás desse insignificante acontecimento, escondem-se um grupo de eus. Teremos que estudá-los a cada um separadamente, e que esses naturalmente estão ativos, teremos que estudá-los, a cada um, separadamente, dentro de cada um deles está engarrafada a Essência, ou seja, a Consciência, então teremos que desintegrá-los, aniquilá-los, reduzi-los a poeira cósmica.

Para desintegrá-los, teremos que nos concentrar na Divina Mãe Kundalini, lhe suplicar, lhe rogar, que reduza-os a pó. Mas primeiro teremos que compreender o defeito, ponhamos a ira, e logo, depois de havê-lo compreendido, então rogar à Divina Mãe Kundalini que elimine-o. Depois teremos que compreender a impaciência, suplicar a Ela que elimine tal erro; depois compreender a auto-importância, porque nos acreditamos importantes, se nós não somos mais que uns míseros vermes do lodo da terra, no que apoiamos nossa auto-importância, porque nada somos, cada um de nós não é mais que um vil verme do lodo da terra, no que apoiamos nossa auto-importância, no que a fundamentamos.

Realmente, não há alicerce para nossa auto-importância, porque nada somos, cada um de nós não é mais que um vil verme do lodo da terra.

O que somos diante do infinito, diante da galáxia em que vivemos, diante desses milhões de mundos que povoam o espaço infinito? Por que nos sentir auto-importantes?

Assim, analisando cada um de nossos defeitos, os vamos compreendendo, e defeito que vamos compreendendo deve ser eliminado com a ajuda de nossa Divina Mãe Kundalini.

É óbvio que teremos que suplicar a Ela, que teremos que lhe rogar, que elimine os defeitos que nós estamos compreendendo. Em uma cena pois, tomam parte vários eus.

Ponhamos outra cena, uma de ciúmes, por exemplo. Inquestionavelmente, é grave isso também, existem vários eus.

Um homem encontra de repente a sua mulher falando com outro homem, de forma muito íntima. O que quer dizer isso? Sentirá ciúmes, brigará com a mulher, é claro, mas se observarmos essa cena, ali houve ciúmes, ira, amor-próprio, vários eus, pois o eu do amor-próprio se sentiu ferido, os ciúmes entraram em atividade, a ira também. Qualquer cena, qualquer acontecimento, qualquer evento deve nos servir de apoio para o autodescobrimento.

Em qualquer evento descobrimos que temos dentro de nós mesmos vários eus, isso é óbvio. Necessita-se que nós estejamos alertas e vigilantes, como o vigia em época de guerra. É indispensável o estado de alerta percepção, alerta novidade.

Se não procedermos nesta forma, a Consciência continuará situada dentro dos agregados psíquicos que em nosso interior carregamos e não despertará jamais.

Temos que compreender que estamos adormecidos. Se as pessoas estivessem despertas poderiam ver, tocar e apalpar as grandes realidades dos mundos superiores. Se as pessoas estivessem despertas recordariam suas vidas passadas. Se as pessoas estivessem despertas veriam a Terra como é.

Atualmente, não estão vendo a Terra tal como é. As pessoas da Lemúria viam o mundo como era, sabia que o mundo tinha um total de 9 dimensões, e viam as 7 dimensões fundamentais e viam o mundo de forma multidimensional. No fogo, percebiam as Salamandras ou criaturas do fogo; nas águas, percebiam as criaturas aquáticas, as Ondinas e Nereidas; no ar era claro para eles os Silfos; e dentro do elemento terra viam os Gnomos.

Quando levantavam os olhos para o infinito podiam perceber outras humanidades planetárias, os planetas do espaço eram visíveis para os antigos de forma diferente. Viam a aura dos planetas e também podiam perceber os gênios planetários. Mas quando a Consciência humana ficou enfrascada entre todos esses eus ou elementos indesejáveis que constituem o Ego, o mim mesmo, o Eu mesmo, então a Consciência adormeceu. Agora, se processa em virtude de seu próprio engarrafamento.

Nos tempos da Lemúria, qualquer pessoa podia ver pelo menos a metade de um Honstapagnos (um Honstapagnos equivale a cinco milhões e meio de tonalidades de cor). Quando a Consciência ficou presa no Ego, os sentidos degeneraram.

Na Atlântida, só se podia perceber um terço das tonalidades de cor. E agora apenas se percebem as 7 cores do espectro solar e umas poucas tonalidades.

As pessoas da Lemúria eram diferentes, para eles as montanhas tinham alta vida espiritual, os rios para eles eram os corpos dos Deuses, a terra inteira era perceptível para eles como um grande organismo vivente. Eram outro tipo de gente, diferentes.

Agora, desgraçadamente, a humanidade está em um estado de decadência. Se não nos preocuparmos por autodescobrir-nos, por nos conhecer melhor, continuaremos com a Consciência adormecida, colocada entre todos os eus que levamos em nosso interior.

Os psicólogos normalmente acreditam que temos um só Eu e nada mais. Na Gnosis se pense diferente. Na Gnosis sabemos que a ira é um eu, que a cobiça é outro eu, que a inveja é outro eu, que a gula é outro eu, etc., etc., etc.

Virgílio, o Poeta da Montua, o autor de *Eneida*, dizia que embora tivéssemos mil línguas para falar e palato de aço, não alcançaríamos enumerar nossas defeitos cabalmente. São tantos. E onde vamos descobri-los?

Somente no terreno da vida prática se faz possível o autodescobrimento. Qualquer cena da rua é suficiente para saber quantos eus entraram em atividade.

Qualquer eu que entre em atividade há necessidade de trabalhá-lo, para compreendê-lo e desintegrá-lo, só por esse caminho se faz possível liberar a Consciência, só por esse caminho se faz possível o despertar.

Devemos nos interessar, primeiro que tudo, com o despertar, porque enquanto continuemos assim como estamos, adormecidos, o que podemos saber do Real, da Verdade? Para chegarmos a conhecer a fundo os Mistérios da Vida e da Morte necessitamos indispensavelmente despertar. É possível despertar se nos propormos a isso. Não é possível despertar se a Consciência continua engarrafada dentro de todos esses eus.

Vivemos dentro de um mecanismo bastante complicado, a vida se tornou profundamente mecanicista em 100%.

A Lei de Recorrência é terrível, tudo se repete, podemos comparar a vida a uma roda que está girando incessantemente sobre si mesma. Passam os acontecimentos uma e outra vez, sempre repetindo-se.

Em realidade de verdade nunca há uma solução final para os problemas, cada qual carrega os problemas, a solução final em realidade de verdade não existe. Se houvesse uma solução final para os problemas que alguém tem na vida, isto significaria que a vida não seria vida mas sim morte.

Assim, a solução final não é conhecida. Gira a roda da vida, sempre passando os mesmos acontecimentos, repetindo-se de forma mais ou menos modificada, mais ou menos alta ou baixa, mas repetindo-se. Chegar à solução final e pedir que a repetição de eventos ou circunstâncias não sigam é algo mais que impossível, então o único que temos que aprender é saber como vamos reagir diante das distintas circunstâncias da vida.

Se sempre reagirmos da mesma forma, se sempre reagirmos com violência, se sempre reagirmos com luxúria, se sempre reagirmos com cobiça ante os fatos diversos que se repetem uma e outra vez em cada existência humana, pois não mudaríamos nunca, porque os acontecimentos que vocês estão vivendo atualmente já os viveram na existência passada.

Isto significa que, por exemplo, se agora vocês estiverem sentados me escutando, na existência passada também estiveram me escutando, não aqui mesmo nesta casa, mas sim em qualquer outro lugar da cidade.

Assim também na antepassada, estiveram sentados me escutando, na anterior antepassada, estiveram sentados me escutando e eu estive falando com vocês, ou seja, sempre esta roda da vida está girando e os acontecimentos vão passando, sempre são os mesmos. Assim, é impossível impedir que os acontecimentos deixem de repetir-se. O único eu podemos fazer é mudar nossa atitude para com os acontecimentos da vida.

Se nós aprendemos a não reagir ante nenhum impacto proveniente do mundo exterior, se aprendemos a sermos serenos, impassíveis, então o que acontecerá é que nós poderemos evitar que os acontecimentos produzam em nós os mesmos resultados.

Vamos ver, por exemplo, em uma existência passada sobre um acontecimento que citei em meu livro titulado: *O Mistério do Áureo Florescer*, daquela existência em que me chamei Juan Conrado, Terceiro Grande Senhor da Província de Granada, na antiga Espanha, na época da inquisição, quando o

inquisidor Tomás de Torquemada fazia desastres em toda a Europa. Queimava as pessoas vivas na fogueira.

Certamente, eu cheguei a ele com o propósito de pedir uma admoestação cristã para alguém, tratava-se de um Conde que me criticava constantemente com suas palavras, que fazia ironias de mim, etc.

Naquela época, eu andava de Bodisattwa Caído e por certo não era uma mansa ovelha, o Ego estava bem revivido, mas queria evitar um novo duelo, não por temor, mas sim porque já estava cansado de tantos duelos, e cheguei muito cedo na porta da Inquisição.

Um monge estava na porta. Disse-me: *“Que milagre vê-lo por aqui, senhor Marquês.”* Disse-lhe: *“Muito obrigado sua reverência, venho a lhe solicitar uma audiência com o senhor Inquisidor, Monsenhor Tomás de Torquemada”.* *“Impossível – disse – hoje há muitas visitas, entretanto vou tratar de conseguir para você a audiência”.* *“Muito obrigado – disse-lhe – sua reverência”*, para me adaptar a todos os convênios daquela época. Em realidade de verdade, a pessoa tinha que adaptar-se ou do contrário a situação tornava-se difícil.

Em todo caso, aquele monge desapareceu como por encanto e aguardei pacientemente a que retornasse. Já de retorno me disse: *“Está conseguida, para você, a audiência, senhor Marquês, pode entrar”.*

E entrei, atravessei um pátio e cheguei a um grande salão que estava em trevas e passei a outro salão que também estava em trevas e por último a um terceiro salão que estava iluminado por um abajur. O abajur estava colocado sobre uma mesa, diante da mesa se encontrava sentado o Inquisidor Tomás de Torquemada, nada menos que o grande Inquisidor, um ser cruel, sobre seu peito estava uma grande cruz. Encontrava-se em um estado aparentemente de beato, com as mãos postas sobre o peito, ao verme não fiz mais que lhe saudar com todas as reverências da época. Disse-me: *“Sente-se, Senhor Marquês. O que o traz por aqui?”.* Então disse: *“Venho solicitar uma admoestação cristã para o Conde Fulano de Tal e Tal e cinqüenta mil nomes e sobrenomes, que lança sátiras contra mim, seu sarcasmo, suas ironias e não tenho vontade de outro duelo, quero evitar um novo duelo”.*

“Mas não se preocupe senhor Marquês – respondeu-me – já temos muitas queixas contra este condezinho aqui na Casa Inquisitorial. Vamos fazer-lhe aprender! Levaremos-lo à torre de martírio, colocaremos-lhe os pés sobre carvões acesos, queimaremos-lhe bem os pés para que sofra, levantaremos-lhe as unhas, torturaremos-lo e depois e levaremos à praça pública e o queimaremos na fogueira”.

Bom, eu não tinha pensado em ir tão longe, unicamente ia pedir uma admoestação cristã,. Claro, fiquei perplexo ao escutar ao Torquemada falando dessa forma e vê-lo com as mãos postas sobre o peito em atitude de beato. Aquilo me causou horror, não pude menos que manifestar meu descontentamento ao lhe dizer: *“Você é um perverso, eu não vim a lhe pedir que queime vivo a ninguém, nem que você venha a torturar a ninguém, unicamente vim a lhe pedir uma admoestação cristã e isso é tudo, agora perceberas que não estou de acordo com sua seita”*, e enfim pronunciei umas quantas palavras e uns quantos gritos que por agora me reservo, um uma linguagem um pouco altissonante. Motivo mais que suficiente para que aquele alto-dignitário da inquisição dissesse: *“Então é assim,*

senhor Marquês”. Fez soar um sino e apareceu um grupo de cavaleiros armados até os dentes, ficou de pé aquele cavaleiro do Santo Ofício e ordenou a aqueles cavaleiros dizendo: “*Prendam a este homem*”. “*Um momento cavaleiros – disse – recordem das regras da cavalaria*”.

Naquela época, as regras da cavalaria eram respeitáveis, respeitabilíssimas por todo mundo. “*Me dêem uma espada – disse-lhes ao estilo dos Ibéricos – e lutarei com cada um de vós*”. Era nem mais nem menos que um Ibérico, encontrávamo-nos reencarnados em plena Idade Média, na época do Torquemada. Um cavaleiro me entrega uma espada, eu a recebo; em seguida dá um passo para trás e me diz: “*Em guarda*”, e lhe respondi: “*Sempre estou!*”. E nos travamos em combate.

Não se ouviam a não ser golpes de espadas, parecia que essas espadas ao golpear umas com outras lançavam faíscas. Aquele cavaleiro era muito hábil com a esgrima, pois manejava sua arma maravilhosamente. Eu tampouco era uma mansa ovelha, claro está que não. Total que o duelo foi muito difícil, não me faltava mais que fazer uma de minhas melhores estocadas para sair vitorioso, mas os outros cavaleiros estavam vendo o assunto, e perceberam que seu companheiro ia direto ao cemitério e claro que m caíram em turma. Mais chegou um momento em que meu braço direito se cansou, já não podia com o peso da espada diante de tal luta...

Queriam me queimar vivo. Aí tinham um pouco de lenha ao pé de um poste de aço. Acorrentaram-me naquele poste, prenderam fogo à lenha e em poucos segundos estava ardendo como tocha acesa. Senti grande dor e minha carne, via como meu corpo físico se queimava até ficar reduzido à cinzas.

Quis dar e dei um passo, senti que aquela dor suprema se convertia em felicidade. Entendi que mais além da dor existia a felicidade, a dor humana por maior que seja tem um limite. Uma chuva benfeitora começou a cair sobre mim. Total, saí daquele palácio caminhando lentamente, lentamente. De maneira que já havia desencarnado, o corpo físico pereceu na fogueira da Inquisição...

Hoje, por exemplo, ao repetir um evento desses em minha vida, estou seguro de que já não iria a uma fogueira, nem a um cemitério, nem algo do estilo. Por que? Porque hoje, ao não ter esses eus da ira, da impaciência, escutaria ao inquisidor serenamente, impassível, compreenderia o estado em que se encontra, guardaria um silêncio total, nenhuma reação sairia de mim. Como resultado não passaria isso, é claro, poderia sair tranqüilo, sem problemas.

De maneira que os problemas, em realidade de verdade, são formados pelo Ego. Se naquela ocasião não tivesse reagido dessa forma contra o Santo Ofício, como assim o chamavam, contra a Inquisição, etc., etc., pois é óbvio que não haveria desencarnado dessa maneira. Isto não significa covardia, a não ser simplesmente teria permanecido impassível, sereno, logo teria dado as costas e teria me retirado sem problemas.

Só resta um ponto de discussão: aquele condezinho teria sido apreendido, queimado vivo na fogueira e poderia culpar-me. Não, porque teria tido o valor de informar isso ao Conde, embora aquele Conde teria se enchido de tremenda ira contra mim, mas teria salvado sua existência, talvez até o homem teria ficado agradecido. Ou seja, circunstâncias tão fatais não teriam acontecido, se o Ego

tivesse sido desintegrado, mas desgraçadamente tinha um Ego muito desenvolvido e esses são os problemas formados pelo Ego.

Quando a pessoa não tem ego, esses problemas não ocorrem. Pode ser que as circunstâncias se repitam, mas já não ocorrem, já não vêm esses problemas.

A crua realidade é que os eventos podem estar repetindo-se, mas o que nós temos que modificar é nossa atitude para com os eventos. Se nossa atitude for negativa, criamos gravíssimos problemas, isso é óbvio. Necessitamos pois mudar nossa atitude para com a existência, mas as pessoas não podem trocar suas atitudes para com a vida se não eliminarem aqueles elementos prejudiciais que levam em sua psique.

A ira, por exemplo, quantos problemas nos traz. A luxúria, quantos problemas nos traz. Os ciúmes, quão nefastos são. A inveja, quantos inconvenientes proporciona a nós.

As pessoas têm que mudar sua atitude diante das distintas circunstâncias da vida, estas se repetem, conosco ou sem nós, mas se repetem.

O que importa é que alguém muda sua atitude diante das distintas circunstâncias da vida. Ou seja, necessitamos nos autoconhecer profundamente. E se nos autoconhecemos, descobrimos nossos erros. E se despertamos, devemos experimentar isso que não é do tempo, isso que é a Verdade.

Mas enquanto nós continuemos com a Consciência adormecida, engarrafada dentro do ego, dentre os eus, obviamente não saberemos nada dos Mistérios da Vida e da Morte. Não podemos assim experimentar o Real, viveremos na ignorância.

Faz-se pois urgente, inadiável cumprir com a máxima do Tales de Mileto: "*Noscete Ipsum*". "*Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses*". Todas as leis da natureza estão dentro de nós mesmos e se nós não as descobrirmos dentro de nós mesmos, tampouco as poderemos descobrir fora de nós mesmos.

O homem está contido no Universo e o Universo está contido no homem. Assim, o Universo está dentro de nós. Se não descobrimos o Universo dentro de nós mesmos, tampouco o descobrimos fora de nós mesmos, isso é óbvio.

Existem dentre de nós possibilidades extraordinárias, mas, acima de tudo devemos partir do princípio: "*Noscete Ipsum*". "*Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses*".

A personalidade ou a falsa personalidade, por exemplo, é óbice para a verdadeira felicidade. Todo ser humano tem uma falsa personalidade, que está formada pela presunção, pela vaidade, pelo orgulho, pelo temor, pelo egoísmo, pela ira, pela auto-importância, pelo auto-sentimentalismo, etc.

A falsa personalidade é verdadeiramente problemática, está dominada por todo esse tipo de eus que enumerei. Enquanto a pessoa possua a falsa personalidade, de modo algum poderá conhecer a real felicidade. Se a pessoa quer ser feliz, e todos temos o direito à felicidade, tem que começar por eliminar a falsa personalidade. Mas para podermos eliminar a falsa personalidade temos que eliminar os eus que a caracterizam, os que enumerei.

Eliminados todos esses eus, então tudo muda, cria-se em nossa Consciência um centro de gravidade contínuo e sucede um estado de felicidade

extraordinária, mas enquanto exista a falsa personalidade a felicidade não é possível. Devemos levar em consideração tudo isso se é que realmente desejamos algum dia ser felizes.

Inquestionavelmente, o mais importante na vida prática deve ser precisamente cristalizar na humana personalidade isso que se denomina Alma.

O que se entende por Alma? Todo esse conjunto de poderes, forças, essas virtudes, faculdades do Ser. Se a pessoa eliminar, por exemplo, o eu da ira, em sua substituição cristalizará em sua pessoa humana a virtude da serenidade, da paciência. Se a pessoa eliminar o defeito do egoísmo, em sua substituição cristalizará em si a virtude maravilhosa do altruísmo. Se alguém eliminar o defeito da luxúria, em sua substituição cristalizará em sua Alma a virtude extraordinária da castidade. Se alguém eliminar de sua natureza o ódio, em sua substituição cristalizará em sua personalidade o amor. Se a pessoa eliminar o defeito da inveja, em sua substituição cristalizará na humana personalidade a alegria pelo dever alheio, a filantropia, etc.

Assim, é necessário compreender que há a necessidade de eliminar os defeitos indesejáveis de nossa psique para cristalizar em nossa humana pessoa isso que se chama Alma: um conjunto de forças, de atributos, de virtudes, de poderes cósmicos, etc.

Entretanto, tenho que dizer que nem tudo é intelecto; o intelecto é útil quando está a serviço do Espírito. Inquestionavelmente, devemos passar por grandes crises emocionais se é que nós queremos cristalizar Alma em nós mesmos. Se a água não ferver a 100 graus centígrados não cristaliza o que tem que cristalizar e não elimina o que tem que eliminar. Assim também, se não passarmos por graves crises emocionais, não cristalizaremos em nós isso que se chama Alma, não eliminaremos em nós isso que se devemos eliminar.

Assim foi sempre. Quando a Alma é cristalizada completamente na pessoa, até o próprio corpo físico se converte em Alma.

Jesus de Nazaré, o Grande Kabir, falou claramente sobre isso, disse: “*Com paciência possuireis vossas almas*”, as pessoas não possuem uma Alma, a Alma os possui. A Alma de cada pessoa sofre carregando um fardo entristecedor: a pessoa. Possuir a Alma é muito diferente, mas escrito está: “*Com paciência possuireis vossas almas*”.

Há eus muito difíceis de eliminar, defeitos terríveis, eus que estão relacionados com a Lei do Karma. Quando se chega a isso, parece como se nos detivéramos no avanço, e obviamente que sim. Mas com infinita paciência, ao fim se consegue a eliminação desses eus. A paciência e a serenidade são faculdades extraordinárias, virtudes magníficas, necessárias para avançar neste caminho da Transformação Radical.

Em meu livro *As Três Montanhas* falo claramente sobre a paciência e a serenidade. Um dia estando em um Monastério, um grupo de irmãos aguardava impacientemente ao Abade, ao Hierofante, mas este demorava e passavam as horas e este demorava. Todos estavam preocupados, havia ali alguns Mestres. Mestres, claro, muito respeitabilíssimos, mas cheios de impaciência, passeavam dentro do salão, iam, vinham, mexiam o cabelo, arranhavam-se a cabeça, puxavam-se as barbas, impacientes. Eu permanecia tranqüilo, sereno, paciente aguardava, unicamente me causava curiosidade esses irmãozinhos impacientes.

Ao fim, depois de várias horas, se apresentou o Mestre, e dirigindo-se a todos disse: “*Lhes faltam duas virtudes que este irmão tem!*”, e me assinalou. Logo, dirigindo-se a mim, disse-me: “*Diga-lhes você, irmão, quais são essas virtudes*”. Então eu me pus de pé e disse: “*Há que saber ser pacientes, há que saber ser serenos*”. Todos ficaram perplexos. Em seguida, o Mestre trouxe uma laranja, símbolo de esperança, e me entregou-a, me aprovando. Fiquei aprovado para entrar na Segunda Montanha, que é a da Ressurreição. Os outros, os impacientes, ficaram adiados.

Se me convidou, depois, em outro Monastério, para assinar alguns papéis que tinha que assinar, e assim o fiz. Mais tarde me entregaram certas instruções esotéricas e se me admitiu pois nos estudos da Segunda Montanha, e aqueles companheiros até agora ainda estão lutando por obter a paciência e a serenidade, pois não a têm.

Vejam, pois, quão importante é ser pacientes, ser serenos. Assim, quando a pessoa está trabalhando na dissolução de um eu e por nada da vida consegue dissolvê-lo porque é muito difícil, porque há eus assim que se relacionam com as Leis do Karma, não resta a nós mais remédio que multiplicar a paciência e a serenidade até triunfar, mas muitos são impacientes, querem eliminar tal ou qual eu imediatamente, sem pagar o preço correspondente, e isso é absurdo. No trabalho sobre nós mesmos se necessita multiplicar a paciência até o infinito, e a serenidade até o cúmulo dos cúmulos. Quem não sabe ter paciência, quem não sabe ser sereno, fracassa no Caminho Esotérico.

Observem-se na vida prática: São impacientes? Sabem permanecer serenos no momento preciso? Se não tiverem essas duas preciosas virtudes, pois terão que trabalhar para as conseguir. Como? Eliminando os eus da irritação, da ira, que são os que não permitem ter a serenidade.

O que é que nós buscamos a longo prazo com tudo isso? Pois mudar, mudar totalmente, pois assim como estamos, inquestionavelmente, o único que fazemos é sofrer, nos amargurar a vida. Qualquer um pode nos fazer sofrer; basta que nos toque uma fibra do coração para que já estejamos sofrendo. Se nos disserem uma palavra dura, sofremos; se nos derem uns tapinhas no ombro e umas palavras doces, alegramo-nos. Assim somos de débeis.

Nossos processos psicológicos não dependem de nós, melhor dizendo, não temos poder sobre nossos processos psicológicos. Qualquer um pode dirigir nossa psique.

Vocês querem ver uma pessoa zangada? Pois lhe digam uma palavra dura e a verão zangada. Logo, querem vê-la contente? Lhe dêem um tapinha no ombro e logo umas palavras doces e já muda, já está contente. Que fácil é, qualquer um brinca com a psique dos demais. Que fracos soa estas criaturas. Trate pois de mudar, de que tudo isto que temos de fraco seja eliminado, até nossa própria identidade pessoal deve perder-se para nós mesmos. Isto quer dizer que a mudança deve ser radical, pois até nossa própria identidade pessoal, sou Fulano de Tal, X, X, deve perder-se para nós mesmos. Chegará o dia em que nos encontraremos com nossa própria identidade pessoal.

Trata-se de nos converter em algo distinto, em algo diferente. Obviamente, até a própria identidade pessoal deve perder-se. Tratemos de nos converter em criaturas distintas, criaturas felizes, seres ditosos e teremos direito à felicidade.

Mas, se não nos esforçamos, como vamos mudar? De que maneira? Eis aqui o grave.

O mais importante é pois não nos identificar com as circunstâncias da existência. A vida é como um filme e é de fato um filme, que tem um princípio e tem um fim. Distintas cenas vão passando pela tela da mente. O nosso erro mais grave consiste em nos identificar com essas cenas. Por que? Porque passam, simplesmente porque passam, são cenas de uma grande aventura e ao fim passam. Felizmente, no caminho da vida tomei isso como lema, não identificar-me com as diferentes circunstâncias da vida.

Vem-me à memória casos da infância. Em realidade, meus pais terrestres se divorciaram, cabia-nos, os irmãos de uma grande família, sofrer. Tínhamos ficado com o chefe da família, que nos proibia pois visitar à chefe, ou seja, a nossa mãe terrestre. Entretanto, nós não fomos tão ingratos para esquecer à chefe, escapávamo-nos de casa com um irmãozinho mais novo que me seguia. Íamos visitá-la e logo retornávamos a casa do chefe. Mas meu irmão sofria muito, pois na volta se cansava porque era muito pequeno e eu tinha que carregá-lo sobre minhas costas e ele chorava amargamente e dizia: *“Agora, ao retornar a casa, o chefe vai nos açoitar, o chefe vai nos dar açoitadas e pauladas”*. Eu lhe respondia dizendo: *“Por que choras? Tudo passa, lembra-te que tudo passa”*. Quando chegávamos a casa, certamente o chefe aguardava cheio de grande ira e nos dava de chicotadas. Posteriormente, nos internávamos em nosso quarto para dormir, mas ao nos deitar eu dizia ao meu irmão: *“Viu? Já passou, convence-te que tudo passa?”*. Isso o chefe alcançou ouvir quando a meu irmão dizia que tudo passa, que isso já passou. E claro, o chefe era bastante iracundo, empunhou de novo o látigo terrível que trazia, penetrou em nosso quarto dizendo: *“Como assim, tudo passa, sem-vergonhas”*, e logo outra surra mais terrível nos deu, retirando-se depois ao parecer muito tranqüilo por haver nos açoitado. E um pouquinho mais tranqüilo dizia a meu irmão: *“Viu? Isso também passou”*, ou seja, nunca me identificava com essas cenas e tomei como lema na vida jamais me identificar com as circunstâncias, com os eventos, com os acontecimentos, porque sei que essas cenas vão passando.

Tanto alguém se preocupa porque tem um problema, que não acha como resolvê-lo, e depois já passa e vem outra cena completamente distinta. Então, para que se preocupou? Se ia passar, com que objetivo se preocupou?

Quando a pessoa se identifica com os distintos eventos da vida, comete muitos enganos. Se a pessoa se identificar com uma taça de licor oferecida por um grupo de amigos, pois caba bêbada. Se alguém se identifica com uma pessoa do sexo oposto em um momento dado, então resulta fornicando. Se a pessoa se identificar com um insultador que lhe está ferindo com a palavra, acaba também insultando. Parece-lhe sensato que a um de nós que somos aparentemente sérios resultemos insultando? Vocês acreditam que isso estaria bem?

Se a pessoa se identificar com uma cena de puro sentimentalismo chorão onde todos estão chorando amargamente, pois também resulta com suas boas lágrimas. Vocês acreditam que isto estaria correto? Que outros nos ponham a chorar assim porque lhes deu vontade?

Isto que estou lhes dizendo é indispensável, se é que vocês querem autodescobrir-se. Se a pessoa se identificar completamente com uma cena, pois

esqueceu de si mesma, esqueceu-se do trabalho que está fazendo, então está perdendo o tempo totalmente. As pessoas se esquecem de si mesmas completamente, esquecem-se de seu próprio Ser Interior Profundo, porque se identificam com as circunstâncias.

Normalmente, as pessoas andam adormecidas, por isso estão identificadas com as circunstâncias que lhes rodeiam e cada qual tem sua cançãozinha psicológica, como dizia em meu livro *Psicologia Revolucionária*. De repente, a pessoa se encontra com alguém que lhe diz: “*Eu tive na vida que fazer isto e isto e isto, roubaram-me, fui um homem rico, tive dinheiro, extorquiram-me, Fulano de Tal foi o malvado que me extorqui*”. E tal é sua canção psicológica que dez anos depois a pessoa encontra ao mesmo sujeito e torna a lhe cantar a mesma canção; aos vinte anos encontra-o e torna a lhe narrar a mesma canção. Essa é sua canção psicológica, ficou identificado com esse evento para o resto da vida.

Nessas circunstâncias, como vamos dissolver o Ego? De que maneira? Se o estamos fortificando ao nos identificarmos, assim fortificamos os eus. Se nos identificamos com uma briga resultamos também dando socos. Vem-me à memória um caso por aí de uma luta de boxe, um campeão brigando contra outro dos EUA. E ao final, todos os espectadores terminaram dando-se golpes uns contra os outros, perfeitamente loucos, todos resultaram boxeadores.

Observem o que é a identificação. Vi de repente a uma dama vendo um filme onde os atores choravam, choro fingido, claro está, mas aquela dama que estava contemplando o filme resultou chorando também terrivelmente, em estado de angustia espantosa. Vejam o que é a identificação, essa pobre mulher se identificou com esse filme, pois criou o herói do filme ou a heroína. Um novo eu criou-se dentro de si mesmo, esse novo eu roubou parte de sua Consciência, de maneira que agora essa pessoa está mais adormecida. Por que? Pela identificação.

Em certa ocasião, me ocorreu ir a um cinema, há muitíssimos anos. O filme estava muito romântico, um par de apaixonados que se queiram, que se adoravam e eu muito interessado em ver aquele par de apaixonados, essas cenas, essas palavras... Que olhares!... Eu encantado, lhes olhando aí, ao fim terminou tal filme e eu muito tranqüilo fui à minha casa. Já estando em casa, senti sono e me deitei, então essa noite fui parar no mundo da mente, aí me encontrei com uma mulher como aquela que eu tinha admirado no filme, estava até bonita e estava frente a frente comigo, sentei-me com ela em uma mesa para tomar algum refrigerante. Vieram as doces palavras, muito semelhantes às do filme, por certo. Conclusão: bom, não cheguei até a cópula química nem nada do estilo, mas não faltaram beijos, abraços, carícias, ternuras e cinqüenta mil coisas do estilo.

Estou lhes narrando uma história de vinte anos atrás, não é de agora, porque agora não vou a cinemas, mas naquela época ia a alguns cinemas. Conclusão: a cena não estava muito boa, um pouquinho erótica. De repente trocou o panorama e descendi do mundo da mente ao mundo astral. São dois mundos diferentes. Ao chegar ao mundo astral me encontrava dentro de um grande templo e pude verificar que um Mestre tinha estado me analisando. Claro, em meu interior me disse: “*Coloquei os pés pelas mãos*”. Me retirei uns poucos passos para aguardar ver o que acontecia e de repente aquele Mestre me enviou um papel pelo Guardião do Templo. Li o papel e dizia: “*Você, retire-se*

imediatamente deste Templo, mas com o INRI (INRI é conservando o fogo) posto que não tinha fornicado, não passava das ternuras.

Bom, total que então disse: “*De todo modo isto está mau, isto está ruim...*”. E muito devagar saí, avancei pelo corredor da nave central e antes de sair fora do templo reparei que era o templo das representações mentais, das efígies mentais... Posteriormente, tive que destruir tal efígie ou representação do filme para poder ser aceito em tal Templo.

Escutar a mensagem e vivê-la é o mais indicado neste tempo. Aqueles que queiram despertar sua Consciência, devem escutar e viver esta mensagem.

SEGUNDA PARTE

A Eliminação Dos Defeitos

AS MÁQUINAS HUMANAS

Muito ouvimos e falamos sobre os Três Fatores integrantes da Revolução da Consciência, mas é necessário fazer uma análise, uma profunda reflexão e detectar até que ponto cumprimos com esse nosso dever diante da Grande Obra.

Quantas vezes recordamos de nós mesmos durante o dia? Em quantas ocasiões deixamos de nos identificar com o trem da vida que levamos e observamos detida e serenamente o batalhar das antíteses em nossas mentes?

Nosso dever cósmico é não permitir que passem pensamentos mecanicistas, e também não dar espaço a pensamentos envenenados, assim como deixar por completo nossos instintos animais.

É necessário e indispensável realizar dentro de cada um de nós o primeiro choque consciente, trabalhando intensamente com a não identificação, lutar contra a imagem negativa e a consideração interior.

Morrer em si mesmo é importante e trabalhar sobre si é o indispensável. Para isso há que atravessar profundas crises emocionais. Entretanto, faz-se necessário nos fazer conscientes de nossos atos, já que com eles conseguimos realizar parte da Obra.

Nos dividir entre “observador” e “observado” é o propósito. Autodescobrir-nos em ação e reconhecer nossos erros, eis aí a tarefa fundamental de cada um, posto que morrer em si mesmo é nossa meta.

Desintegrando as pessoas que existem em nosso interior, a casa fica livre e nela somente habitará a Consciência, o Ser. Então seremos livres de verdade e teremos nos convertido em indivíduos superiores.

Quem desperta a Consciência tem acesso à ciência objetiva, universal e pura. É por isso que não devemos nos deixar fascinar por esta ciência subjetiva ultra-moderna: Biologia, Química, Física, etc. No fundo, é algo meramente incipiente, o que até o momento se denominou de ciência pura, posto que ela só é possível para os homens de Consciência desperta.

Esta Ciência nada tem haver com a pobreza de teorias que existe nos diferentes colégios, nas diferentes escolas e universidades do mundo. Entretanto, os cientistas acreditam que têm a última palavra, mais não sabem eles nada sobre a Ciência Objetiva do Universo.

Vejamos um fato concreto: quando os cientistas, ao unísono com os astronautas, conseguiram chegar em um foguete tripulado à Lua, acreditaram com sua Razão Subjetiva, que este evento tinha sido grandioso, se auto-exaltaram e trataram de fazer ver à humanidade que com suas piruetas de circo já tinham conquistado o mundo, mas quão equivocados estavam e ainda estão, já que os falta a Razão Objetiva.

Quando se diz aos cientistas que há seres extraterrestres, que existem naves que vêm de outros mundos, negam-no rotundamente. Quais são os motivos para isso?

Os cientistas ultramodernos são robôs que não estão programados para conhecer a Ciência Objetiva Universal, somente estão programados para conhecer a ciência oficial universitária e isso é tudo.

De maneira que, estes cientistas ultramodernos são seres de Razão Subjetiva, que tudo supõem e sustentam com sua hipótese, posto que os falta um conhecimento concreto e objetivo das Leis do Universo.

São robôs, preparados com matérias universitárias, para trabalhar dentro de seu programa e nada mais. Não poderia pois, exigir-se-lhes que conceituassem sobre seres extraterrestres e naves interplanetárias, porque para isso ainda não estão programados.

Tais robôs foram construídos nas universidades e não funcionam de outra forma, mas sim de acordo com seu próprio acondicionamento (mecânico).

A Razão Subjetiva se nutre com as percepções externas, elabora seus conceitos de conteúdo, por meio das informações recolhidas com os sentidos e com esses conceitos forma seus raciocínios, fazendo disso a Razão Subjetiva.

Razão Objetiva é outra coisa, mas isso já é revolucionário. Não se pode saber nada do Real quando tudo emana dos sentidos, isso é óbvio, referente, irrefutável; mas existe a razão, e ela é objetiva. Esta funciona unicamente com os conceitos da Consciência, com os dados que ela mesma contribui.

Quando conseguimos eliminar os elementos desumanos, nos quais está enfrascada ou engarrafada a Consciência, então esta pode contribuir com doas à razão. Razão apoiada nos dados da Consciência é Razão Objetiva.

Nada sabem os cientistas do raciocínio subjetivo sobre a Consciência. Como poderiam saber? De que maneira poderiam investigá-la? Se são robôs que estão programados para algo que não saia do mundo dos cinco sentidos. São meras máquinas que funcionam de acordo com o que aprenderam nos colégios, universidades, academias, etc., etc., e que não podem funcionar de outra forma.

Acreditam vocês que um robô pode funcionar de outra forma a como foi programado? Pois obviamente não, não é verdade? Assim, estas máquinas humanas que se titulam cientistas, nada sabem sobre a Consciência, para isso não estão programados.

Só a Psicologia Transcendental, ensinada pelos poucos sábios que no mundo existiram (como disseram os poetas), pode no orientar, com o propósito de que a Consciência desperte. Indubitavelmente, está desperta, quando os

elementos infra-humanos que habitam em nosso interior são reduzidos a poeira cósmica.

Consciência desperta é Consciência que pode informar. Na Consciência estão os dados que necessitamos para nossa orientação psicológica; na Consciência estão as partículas de dor de nosso Pai que está em segredo, na Consciência está a Sabedoria, se nós conseguirmos liberá-la, ela pode nos orientar.

Um homem de Consciência desperta é um homem livre, que pode por si mesmo conhecer o caminho que haverá que levá-lo à Liberação Final.

Agora, vocês verão porquê é tão importante morrer de instante em instante e de momento em momento (ou seja, eliminar defeitos).

É indispensável estudar a fundo o livro titulado: O Mistério do Áureo Florescer. Ensina-se, neste livro, a Kriya Sexual necessária para os despertar da Consciência.

Eu, Samael Aun Weor, ensinei nessa obra como despertar a Consciência. Unifiquei nessa obra a questão sexual e a questão Consciência. Mas precisa-se conhecer a fundo tal obra, meditar nela profundamente e levar esses ensinamentos à prática. Assim conseguiremos a Liberação Autêntica.

Quanto ao terceiro fator da Revolução da Consciência (sacrifício ou serviço à humanidade), quando se trata de avançar firmemente no caminho da Autoliberação Íntima, é necessário que nós imitemos ao Cristo, que entregou sua vida pela humanidade doente.

Temos que ser capazes de subir ao Altar do supremo sacrifício se realmente trabalhamos de verdade com os Três Fatores da Revolução da Consciência (morrer, nascer – aproveitar positivamente nossas energias – e sacrifício), se amamos a nossos semelhantes.

Se com a tocha do verbo incendiarmos o mundo, é óbvio que subiremos pelos distintos níveis do Ser, até nos converter em verdadeiros Seres, no sentido completo da palavra.

Há que trabalhar profundamente nos Três Fatores. Há que estudar profundamente aqueles livros: As Três Montanhas; Sim Há Inferno, Sim Há Diabo, Sim Há Karma; A Doutrina Secreta de Anahuac, Psicologia Revolucionária e A Grande Rebelião.

Nestas obras, há meios de orientação para trabalhar nos Três Fatores da Revolução da Consciência, trabalhar em si mesmos e trabalhar por um mundo melhor.

DIDÁTICA DA MEDITAÇÃO SUPERIOR PARA ELIMINAR OS DEFEITOS

Um homem qualquer vê sua mulher ou esposa muito tranqüila com um cavalheiro qualquer, logicamente não se agüentaria, não ficaria tranqüilo.

Produto disso saltaria o eu do ciúmes. Seguidamente, se sentiria ferido aquele outro elemento, o amor próprio, logo viria a ira. Vindo por último toda classe de insultos e reclamações, produto daquela péssima transformação.

É lógico que se este irmão quisesse eliminar tais eus, um por dia, então o que seria dos outros? Onde os deixaria e para quando? Isto logicamente é impossível, pois se postergaria o trabalho, mais ainda, nunca se terminaria neste ritmo, se complicaria muito, terminaria sendo um fracasso.

Neste caso, há que ser práticos, e isto deve fazer-se trabalhando dentro do terreno da vida prática no que diariamente nos ocorre.

Há que deixar pois de estar teorizando tolices e pensando em coisas impossíveis de realizar; há que não perder mais tempo, se é que de verdade queremos mudar radicalmente, ou do contrário estamos postergando o trabalho para amanhã e esse amanhã nunca chegará.

Há que eliminar a esse eu que tudo deixa para amanhã, devendo fazê-lo hoje.

Devemos trabalhar com tenacidade, para criar a memória do trabalho.

A seguir damos a conhecer a didática precisa no que se refere à Meditação da Morte do Eu.

Há que não confundir isso da divagação com a Meditação. Nisto da Meditação da Morte do Eu, é necessário trabalhar com a imaginação positiva, a vontade criadora e a concentração para ir pouco a pouco obtendo o estado de Meditação verdadeira.

Esta prática consta de vários passos, que os reduzem aos três mencionados anteriormente: descobrimento do defeito no qual trabalha, a compreensão do mesmo, julgamento, e por último, eliminação.

PASSOS PARA A MEDITAÇÃO DA MORTE DO EU

Primeiro: Sentados em uma cômoda poltrona, em um lugar qualquer de nossa casa, com a finalizada de *relaxar* nosso corpo para realizar melhor a prática.

Segundo: É necessário realizar o *Exercício Retrospectivo*, a fim de reviver ou trazer para a memória os eventos e diferentes cenas do dia, revivendo-as da mesma maneira como sucederam, as ordenando sucessivamente de acordo a como vamos trabalhá-las, de acordo com a gravidade da falta.

Terceiro: Vem a observação serena, na qual entra a *Análise Reflexiva* sem identificação de nenhuma espécie, com a finalidade de compreender a maneira de atuar do defeito em questão.

Quarto: Vem a *Análise Superlativa Unitotal* e isto se relaciona com o bisturi da autocrítica, ou seja, a incisão do defeito, com o fim de obter a Aniquilação Total.

Quinto: O *Julgamento*. Neste devemos evocar ao Koam Interior, ou seja, o que chamamos de Reflexão Superlativa de nosso Ser. Este passo pode também ser chamado "A acusação de Si mesmo", no qual devemos descarregar todo o sumário que tenhamos contra o defeito, amarguras, penas, infelicidades, ou seja, tudo o que nos tenha causado sem consideração alguma. Devemos enumerar tudo o que este defeito nos tenha feito acontecer, com a finalidade de que seja verdadeiramente executado.

Sexto: *Eliminação*. Neste caso, evocamos dentro de cada um de nós à Shakti Kundalini, com o propósito de lhe pedir a Eliminação ou Aniquilação Total do réu em execução, ou seja, a chamado eu. A Ela devemos pedir com o coração, e ver por meio de nossa imaginação e sentir por meio de nossa emoção como Ela o executa e aniquila completamente, sem nenhuma compaixão, pois assim deve ser. Vemos que Ela crava sua lança no coração do próprio monstro, logo vemos como, com sua espada flamígera, representada no esperma sagrado, decapita-o e incinera-o completamente, e vemos como vai se reduzindo de tamanho, até converter-se em um menino, puro e inocente, o qual representa a virtude em questão e vendo que deste se libera uma chama de cor azul que se funde em nosso coração evocando ao mesmo tempo dentro de cada um de nós a própria virtude e dando ação de graças. Desta maneira, iremos vendo através do sentido da auto-observação, que se irá desenvolvendo, como o defeito vai morrendo pouco a pouco até não ficar absolutamente nada dele.

É de notar que os irmãos que se encontram casados e estejam realizando esta prática durante o Arcano, a união sagrada do Lingam e do Yoni, devem pedir à Mão Divina a eliminação dos defeitos.

Igualmente acontece com os solteiros ao realizar a prática do Vajroli Mudra.

Tudo isto pois é questão de um prolongado processo e padecimentos voluntários de si mesmos como se vai executando tudo isso, com muita paciência e tenacidade, sem acreditar que é algo fácil. Mas tão pouco nos pondo a raciocinar nas dificuldades que vamos ter, estas irão sendo esclarecidas ou solucionadas à medida que vamos trabalhando sobre nós mesmos.

Em uma palavra, o próprio trabalho irá dando essa faculdade de discernimento no que devemos e como devemos realizá-lo.

É assim como cada um de nós devemos trabalhar e deixar que a Divina Mãe vá realizando também seu trabalho. Ela sabe o que devemos fazer. Nós, por meio do sentido da auto-observação, iremos vendo os resultados. Muita devoção e súplica devemos realizar e o resto virá por acréscimo.

ESCLARECIMENTOS SOBRE A ELIMINAÇÃO DOS DEFEITOS

Defeito descoberto, deve ser defeito eliminado.

Antes de conhecer e eliminar nosso Traço Psicológico, devemos trabalhar intensamente em um sentido geral com relação a todos os defeitos, já que o chamado Traço Psicológico tem raízes muito profundas em existências anteriores, e para conhecê-lo faz-se necessário ter trabalhado de uma forma incansável pelo menos durante cinco anos.

PERGUNTA: Mestre, você nos ensinou que devemos ter uma ordem e uma precisão na eliminação dos defeitos, mas há algo que não posso lhe captar ao você nos dizer que: “defeitos descoberto deve ser compreendido e eliminado”. Tenho entendido que deve haver uma sucessão no trabalho. E isto o pergunto devido ao seguinte: à pessoa durante o dia de manifesta defeitos, digamos que durante a manhã se manifestou a luxúria, logo sai ao tabuleiro e salta o orgulho, vai pela rua e quase lhe atropelam e salta a ira. Então, vemos uma sucessão de fatos e manifestações dos defeitos, então talvez por isso houve um mal entendido nosso ao procurar um Traço Psicológico. Como poderíamos entender isso e exatamente sobre o que poderíamos trabalhar?

RESPOSTA: Há que ter uma ordem no trabalho, claro está que sim. Mas em todo caso ao chegar a noite com seu corpo relaxado, passaria a praticar o exercício retrospectivo sobre toda sua existência ou existências anteriores. Desta forma então, passará a visualizar, reconstruir os eventos do sai. Já reconstruídos, numerados, procederá ao trabalho. Primeiro um evento ao qual poderá dedicar uns quinze minutos, outro evento ao qual poderá dedicar uma meia hora, outro ao qual lhe poderá dedicar uns dez minutos. Tudo depende da gravidade dos eventos. Assim já ordenados, poderá trabalhá-los na noite tranqüilamente e por ordem.

PERGUNTA: E eliminá-los ou eliminar toda esse sucessão?

RESPOSTA: Também por ordem. Em cada trabalho sobre tal ou qual evento entram os fatores de Descobrimto, Julgamento e Execução. A cada elemento aplica-se os três instantes, que são: **Descobrimto**, quando tu o descobristes; **Compreensão**, se o compreendeu; **Execução**, com ajuda da Divina Mãe Kundalini. Assim se trabalha, porque se for trabalhar um por um, imagine como irá ficar a situação. O trabalho vai se tornar muito difícil.

Índice

PRIMEIRA PARTE

O Conhecimento de Si Mesmo

SEGUNDA PARTE

A Eliminação dos Defeitos

Didática da Meditação Superior para

Eliminar os Defeitos

Passos para a Meditação Da Morte do Eu

Esclarecimentos sobre a Eliminação dos Defeitos